

**“UMA VALA COMUM DE FLORES
DEFUNTAS”: VISÕES E REVOLUÇÕES
DO 25 DE ABRIL EM *FADO ALEXANDRINO*
E *O MANUAL DOS INQUISIDORES*, DE
ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

**“A MASS GRAVE OF DECEASED FLOWERS”:
VISIONS AND REVOLUTIONS OF THE 25TH
OF APRIL IN *FADO ALEXANDRINO* AND
THE INQUISITORS’ MANUAL BY
ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

*Felipe Cammaert*¹

RESUMO

O episódio da Revolução dos Cravos percorre a obra de António Lobo Antunes do princípio ao fim, e constitui um dos exemplos mais significativos do recurso narrativo à “carnavalização da História” (Bakhtin). A representação ficcional deste acontecimento está marcada pela perturbação nas hierarquias sociais no universo diegético, assim como pela focalização narrativa na esfera íntima das personagens, entre outros fenómenos. Em **Fado Alexandrino** (1983), paralelamente à descrição pormenorizada da revolta popular de 1974 pelo soldado ex-combatente da guerra colonial, o romance apresenta uma visão apocalíptica do último dia do Estado Novo. De forma semelhante, em **O Manual dos Inquisidores** (1996), a Revolução dos Cravos é mormente tratada numa perspectiva íntima, em que a queda do regime se materializa na destruição do universo doméstico da quinta do ministro em Palmela. Nestes dois romances sobre o Portugal pós-salazarista, Lobo Antunes constrói uma imagem multiforme daquele “tempo da ruptura

das rupturas” (como chamou Eduardo Lourenço o 25 de Abril), no intuito de salientar as várias revoluções que trouxe a Revolução dos Cravos ao nível individual e colectivo. Pelo recurso à hipérbole e pela desmitificação da História, Lobo Antunes quer apontar para a relativização do discurso oficial sobre este acontecimento.

PALAVRAS-CHAVE: 25 de Abril. António Lobo Antunes. Carnavalização da História. Hipérbole.

ABSTRACT

The episode of the Carnation Revolution runs through António Lobo Antunes' work from beginning to end, and is one of the most significant examples of the narrative's use of the "carnivalization of history" (Bakhtin). The fictional representation of this event is marked by the disruption of social hierarchies in the diegetic universe, as well as the narrative focus on the intimate sphere of the characters, among other phenomena. In **Fado Alexandrino** (1983), alongside the detailed description of the 1974 popular uprising made by the former colonial war soldier, the novel presents an apocalyptic vision of the last day of the Estado Novo. Similarly, in **The Inquisitors' Manual** (1996), the Carnation Revolution is mainly treated from an intimate perspective, in which the fall of the regime materialises in the destruction of the domestic universe of the minister's farm in Palmela. Lobo Antunes constructs a multi-faceted image of that "time of the rupture of ruptures" (as Eduardo Lourenço called the 1974 coup), with the aim of highlighting the various revolutions that the Carnation Revolution brought about on an individual and collective level. By resorting to hyperbole and demystifying history, Lobo Antunes wants to point out the relativisation of the official discourse on this event.

KEYWORDS: Carnation Revolution. António Lobo Antunes. Carnivalization of history. Hyperbole.

Numa longa entrevista com a jornalista espanhola María Luisa Blanco, António Lobo Antunes referia-se, em 2001, ao contexto social em Portugal, nos dias que se seguiram à revolta militar do 25 de Abril de 1974, nestes termos:

En ese momento toda la gente quería ser libre y uno no sabía lo que era la libertad, nunca la habías tenido. [...] Y de repente desaparece la policía política, se elimina la censura, se liberalizan los comportamientos [...]. La gente pasó de una represión y un sometimiento atroces a que, de un día para otro, todo estuviera permitido. [...] La gente no sabía qué hacer con la libertad porque ésta llegó súbitamente, de un día para otro, y eso no es fácil de asimilar (Blanco, 2001, p. 58).

À primeira vista, pode parecer surpreendente que um escritor como Lobo Antunes, opositor à ditadura salazarista, obrigado a participar na guerra colonial em Angola, e figura próxima ao Partido Comunista Português nos primeiros anos da restauração democrática, em vez de salientar os aspectos positivos do golpe militar que pôs fim a 48 anos de ditadura em Portugal, ponha em relevo os problemas ligados ao reencontro com a liberdade por parte do povo português. Porém, e apesar de a questão da História de Portugal ser um dos elementos fulcrais na obra de Lobo Antunes, a abordagem ao passado do seu país inscreve-se num movimento a contracorrente da opinião consensual sobre a exaltação da queda do Estado Novo. Desta forma, não é de estranhar que, ao interessar-se pela representação literária da Revolução dos Cravos, a imagem que se depreende da obra de Lobo Antunes sobre este acontecimento esteja afastada de qualquer elemento sublimatório. A esse respeito, a crítica tem apontado para o fenómeno da carnavalização da História (segundo a célebre formulação de Bakhtin), no que diz respeito à representação ficcional dos acontecimentos históricos na obra de Lobo Antunes². Por ocasião do cinquentenário da Revolução dos Cravos em 2024, mais do que retomar a relação genérica entre História, memória e discurso (anti-)épico na obra antuniana, já abundantemente desenvolvida noutros âmbitos³, a minha intenção é concentrar-me no tema da representação específica da revolução do 25 de Abril.

Na extensiva obra colectiva que é o **Dicionário da obra de António Lobo Antunes**, a entrada dedicada ao tema “Revolução do 25 de Abril” diz o seguinte: “Profundamente enraizados historicamente, os romances de ALA dão-nos da revolução perspectivas diferentes, com predomínio das negativas porque assim a encaram as personagens, alicerçadas nos mini-períodos de onde irradiam os diversos quadros narrativos” (Seixo *et al.*, 2008, p. 516-517). Nesse sentido, Graça Abreu, a autora desta entrada, refere a “falácia da comunhão geral com o espírito do 25 de Abril” (Seixo *et al.*, 2008, p. 517) que identifica, em termos gerais, a obra de Lobo Antunes. Abreu acrescenta que “[s]ão aliás as consequências e as perspectivas de quem teve a perder com a revolução, e não a revolução em si, mais raramente referida nos romances, o que sobretudo avulta na maioria deles” (Seixo *et al.*, 2008, p. 510-511).

Embora no conjunto da obra de Lobo Antunes a relevância do 25 de Abril enquanto acontecimento histórico se prenda mais com os efeitos profundos da restauração democrática nas estruturas sociopolíticas portuguesas (e, nomeadamente, com a instabilidade política que marcou os anos posteriores a 1974) do que com o episódio concreto da sublevação militar, o dia da Revolução dos Cravos é abordado com especial destaque em duas obras. Publicado nove anos após a histórica data, em 1983, **Fado Alexandrino** é um romance que aborda os primeiros anos do Portugal pós-25 de Abril desde a perspectiva de um grupo de ex-combatentes da guerra colonial. Pela sua parte, **O Manual dos Inquisidores**, de 1996, pode ser considerada não apenas como uma das obras mais importantes da produção romanesca antuniana, mas também como um notável “romance de ditador” na esteira

das melhores obras deste género na tradição literária latino-americana. Nestes dois romances, o 25 de Abril como data marcante da História apresenta-se, por um lado, como um acontecimento extraordinário cujas consequências, para as personagens dos enredos narrativos, vão além da simples euforia geralmente associada ao fim da ditadura salazarista. Por outro, e em virtude da liberdade própria do registo ficcional, este evento é objecto de um desenvolvimento romanesco muito particular que faz com que, para as personagens, a revolução provoque uma série de transformações interiores, que vão desde o cepticismo pelo restabelecimento da democracia em Portugal até a articulação de uma visão apocalíptica da nova ordem instaurada pelo golpe de Estado.

A irrupção da revolução na quotidianidade: “Não me lembro que dia era e todavia estávamos em abril”

A abordagem do episódio histórico do 25 de Abril em **Fado Alexandrino** e **O Manual dos Inquisidores** caracteriza-se pela irrupção de um acontecimento inesperado na quotidianidade. À semelhança do decorrer dos factos históricos, nestes livros a sublevação dos capitães em Lisboa apanha de surpresa as personagens, sejam elas figuras anónimas ou achegadas ao poder salazarista. Contudo, e como é costume na obra do escritor português, na representação do episódio da Revolução dos Cravos, a esfera íntima dos indivíduos sobrepõe-se à dimensão colectiva do relato histórico. Desta forma, as duas obras tencionam mostrar que o 25 de Abril trouxe, para além do final do regime ditatorial, muitas outras revoluções íntimas na esfera ficcional.

Em **Fado Alexandrino**, o primeiro capítulo da segunda parte do livro intitulada precisamente “A revolução”, narra de forma muito pormenorizada o dia da sublevação militar. O capítulo inicia-se com a descrição do soldado Abílio a acordar na casa dos tios, quando é apanhado pela notícia difundida na rádio:

Escorregou rapidamente para o chão, a suar, atrapalhado nos lençóis, palpando o espaço em volta à procura da arma [...]. Da sala vinham marchas militares, guitarras, vozes de homem que cantavam, um locutor lia de tempos a tempos um pequeno discurso, e a seguir, após um breve silêncio interminável durante o qual o sangue estancava, suspenso nas veias, à espera, mais marchas, mais hinos, mais orfeões, mais música (Antunes, 2007, p. 221).

Ao longo de todo o capítulo, para além da impressão de um tempo dos relógios estagnado⁴, a relação dos factos articula-se tanto pela menção às notícias na rádio como pelos trajectos que o soldado faz pelas ruas de Lisboa, e que o levam até o Largo do Carmo, onde “um capitão intimava as feiras de janelas desertas a renderem-se, tanques de guerra chegavam e partiam, lentamente, por entre um vociferante emaranhado de línguas” (Antunes, 2007, p. 230), enquanto “iam chegando mais tanques de guerra que apontavam

os canhões ao prédio deserto, mais oficiais, mais tropa, um fulano, munido de uma alcofa, distribuía cravos...” (Antunes, 2007, p. 232). Este capítulo oferece-nos uma recriação muito detalhada da histórica data em que, para além da menção à icónica flor encarnada, se divisam figuras históricas como a de Salgueiro Maia, “o capitão do megafone [que] conferenciava de quando em quando com alferes e sargentos que se equilibravam nas biqueiras para lhe falar” (Antunes, 2007, p. 231), e até o general Spínola, “um general de monóculo num carro que a multidão ovacionava” (Antunes, 2007, p. 230). Porém, mais do que centrar-se nos protagonistas reais da Revolução dos Cravos, o narrador de Lobo Antunes interessa-se pelas personagens anónimas, e sobretudo pela forma como viveram em pessoa este acontecimento capital. Apesar de recriar meticulosamente os factos que marcaram o golpe militar, **Fado Alexandrino** não é propriamente um romance histórico, já que a invenção própria de uma situação ficcional prevalece na representação do 25 de Abril de 1974.

Num registo análogo, em **O Manual dos Inquisidores** o essencial sobre o relato do 25 de Abril é-nos dado pela voz da governanta Titina, testemunha silenciosa mas omnipresente do dia a dia do ministro salazarista. Aqui, e como ocorre na narração do soldado de **Fado Alexandrino**, é no âmbito privado do lar que se materializa esta mudança maior na ordem política e social do país. O momento em que Titina refere o dia do golpe militar inicia-se num registo marcadamente intimista que, aliás, é o *leitmotiv* deste capítulo:

Não me lembro que dia da semana era mas lembro-me de ser dia de limpar a capela e ao passar pelo escritório do senhor doutor os estores encontravam-se subidos porque havia luz sob a porta e lá dentro o rádio aceso e a voz dele ao telefone / — Que história é essa homem que diabo de história é essa? / e o relógio da cozinha soou uma porção de badaladas e portanto amanhecia. Não me lembro que dia era e todavia estávamos em abril dado existirem gralhas novas no pomar e laranjeiras com pontinhos brancos [...] (Antunes, 2005, p. 163).

Como acontece em **Fado Alexandrino**, a História irrompe no enredo romanesco de maneira inesperada. A incerta menção ao mês de Abril é a única referência concreta à dimensão histórica associada à Revolução dos Cravos. Resulta significativo o facto de, logo de início, Lobo Antunes proceder, de forma claramente propositada, a uma desmitificação do acontecimento histórico (“Não me lembro que dia era e todavia estávamos em abril”, diz prosaicamente Titina...), no intuito de apresentar uma visão oposta ao espírito jubilatório comumente associado a esta data.

Neste capítulo de **O Manual dos Inquisidores**, que significativamente não faz menção nenhuma aos cravos nas ruas de Lisboa, as referências a uma temporalidade objectiva escangalhada são patentes na imagem do moinho imóvel:

[...] um segundo rádio na cozinha com canções sem moral, centenas de rádios na vila com canções sem moral, a filha do caseiro a abandonar o estábulo com os baldes de leite, o moinho a tentar uma volta coxa, duas voltas coxas, a imobilizar-se e no entanto / que esquisito / pareceu-me que existia vento, que as hidrângeas estremeciam e o capim se inclinava [...] (Antunes, 2005, p. 173).

Com o tempo detido na quinta de Palmela, a poucos quilómetros de Lisboa, o que acontece nas ruas da capital, onde as “canções sem moral” invadem o espaço, parece sobrepor-se silenciosamente à vida rotineira da governanta⁵. Numa elipse temporal que leva o leitor para o final do dia, no capítulo narrado por Titina, a insurreição militar é o elemento accionador do trágico desenlace para os moradores da quinta:

[...] devia ser tardíssimo porque as rolas e o telhado da estufa aumentavam na luz, [...] o senhor doutor a abrir o cofre e a esvaziar as gavetas da secretária lá dentro, a espreitar da janela se os soldados soviéticos entravam no portão e hasteavam bandeiras no celeiro, a desligar o rádio, a cortar o fio do telefone, a ordenar-me que metesse as trancas nas portas e soltasse os cães, a ordenar-me enquanto entalava a pistola no cinto e trazia a caçadeira do armário / — Quero toda a gente daqui para fora Titina / expulsando-me juntamente com o pessoal, o tractorista, o caseiro, estalando a culatra e disparando para os cedros numa revoada de corvos / — Rua comunistas. (Antunes, 2005, p. 174)

A Revolução dos Cravos marca o fim de um tempo marcado pelo poder, e o começo da decadência do ministro, que **O Manual dos Inquisidores** se compraz em descrever. Para a governanta Titina, mulher humilde mas fiel servidora do ministro salazarista, a Revolução dos Cravos supõe igualmente uma mudança radical na sua vida já que, depois de ser expulsa da quinta de Palmela, viverá uma existência anódina numa residência de acolhimento.

Num sentido contrário, para algumas das personagens de **Fado Alexandrino**, a revolução do 25 de Abril parece não ter vindo acompanhada de uma mudança tão drástica como aquela que o discurso oficial costuma veicular em tom enaltecendor. No relato retrospectivo que faz ao seu capitão, o soldado Abílio confessa que, apesar da revolução, “não houve saque, e não houve roubo, e continuámos até hoje o negociozito das mudanças, e isto há quase dez anos e eis-nos de novo na estagnada, serena, cadavérica, imutável tranquilidade de outrora” (Antunes, 2007, p. 230). Para além de fazer reviver ao leitor, com abundantes pormenores, o histórico episódio da queda do Estado Novo, **Fado Alexandrino** busca, antes de mais, relativizar as consequências do golpe de Estado militar para as personagens como a do soldado, anónimo trabalhador numa empresa de mudanças⁶. Repare-se, aliás, que na epígrafe do livro, tomada de uma canção de Paul Simon, podemos ler entre outros versos: “*After changes upon changes / We are more or less the same*”. (Antunes, 2007, p. 10).

Comentando a significação do facto histórico em **Fado Alexandrino**, Maria Alzira Seixo conclui que este romance se caracteriza pela ausência de uma visão eufórica e jubilosa da revolução de Abril. Numa formulação que, no meu entender, é aplicável ao conjunto da obra de Lobo Antunes, Seixo conclui:

Por outras palavras, não é da História, enquanto discurso dos factos engrandecidos, que Lobo Antunes nos fala, mas da pequena história do dia-a-dia que, neste caso, pertence a personagens distanciados da média do leitor culto e informado [...]. Como se a revolução fosse, afinal, não exactamente uma mutação transcendente decidindo, enquanto golpe político militar, pontualmente e historicamente, dos destinos da humanidade comum, mas o conjunto das consequências desse golpe ecoando nesses mesmos destinos [...] (Seixo, 2002, p. 126).

A característica mais visível no que diz respeito à abordagem dos factos históricos na obra de Lobo Antunes consiste em contrair os efeitos da História ao nível da consciência individual das personagens que povoam as suas obras. Assim sendo, a representação do 25 de Abril nestes dois romances será guiada por uma abordagem particular, que privilegia a visão íntima das personagens no que toca às mudanças políticas da história portuguesa do século XX. Nessa ordem de ideias, Lobo Antunes irá construir uma imagem da Revolução dos Cravos profundamente marcada pelo recurso à ironia e à exageração, no intuito de mostrar uma outra face do acontecimento histórico que, muitas vezes, será abertamente contrária à narrativa oficial predominante.

O mundo às avessas: “o assobio do jardineiro a calar o rádio, a calar o telefone”

Os dois romances em questão encenam a progressão da revolução militar desde ângulos distintos, mas numa abordagem muito semelhante, apoiando-se nas reacções de duas personagens para afigurar o transtorno produzido pelas notícias do golpe de Estado. Contudo, e na sequência do alcance muito particular do termo “revolução” no universo antuniano que, como vimos, aponta mais para as mudanças nas existências individuais do que nos acontecimentos históricos de uma sociedade, a escrita de Lobo Antunes apoiar-se-á em recursos narrativos como a sátira e a hipérbole para propor uma representação anticlimática da Revolução dos Cravos.

Em **Fado Alexandrino**, paralelamente às impressões do soldado sobre o que acontece em Lisboa, o capítulo em questão expõe o lado oposto da situação através da personagem do tio Idílio. Ao início, este homem recusa-se a alterar a sua rotina e insiste em continuar as suas actividades na empresa de transportes pelas ruas de uma cidade em efervescência:

o mulato Isidoro brandia um rádio microscópico, informava aos gritos os restantes, Têm tudo nas unhas, cercaram o presidente e os ministros no Carmo, mas o senhor Ilídio,

carrancudo, tirou-lhe a alegria num ai, Quero lá saber dessa merda, os ralaços que faltaram hoje não trabalham mais aqui (Antunes, 2007, p. 225).

Todavia, confrontado à sucessão dos acontecimentos, Idílio é obrigado a aceitar a realidade exterior, abalado pelo pessimismo e receoso de ver o seu universo em ruínas:

— Se levaram o presidente do Conselho num carro blindado estamos perdidos, lamentou-se o senhor Ilídio com a cabeça entre as mãos. Não tarda nada vêm-nos buscar, de pistola, aqui ao armazém. [...] — Todos na choça em menos de um fósforo, vais ver, requisitam-nos as camionetas para o serviço deles, obrigam-me a hospedar engenheiros búlgaros e espões polacos, mandam-me dormir no chão da sala, embrulhado num cobertor antigo, a tiritar (Antunes, 2007, p. 233-234).

A visão disfórica de um final de ciclo, marcada pelo registo hiperbólico da catástrofe na narração, é predominante na reacção do tio Idílio que, apesar de não ser propriamente privilegiado pelo regime autoritário, desvenda o temor que nele suscita o fim do *statu quo*:

[...] e o meu tio, convulso, de punhos na testa, levantou para mim um apavorado queixo que tremia, Chega lá fora depressa a saber o que há e vem-me aqui dizer, porque não percebia puto, meu capitão, porque tudo se lhe afigurava um pesadelo esquisito, uma mentira formidável, o mundo de repente ao contrário, **um dilúvio, um naufrágio, um cataclismo**, uma ameaça tremenda, a vida, do avesso, impossível de viver-se, a todo o momento exumava a bomba do forro, encostava o tubinho de vidro às gengivas e pfffft pfffft pfffft, se calhar imaginava que o remédio metia outra vez tudo no lugar como era dantes, que a ansiedade desaparecia, que a angústia acabava, que as bússolas se petrificavam nas cabeças [...] (Antunes, 2007, p. 227, grifo nosso).

Esta descrição da vida às avessas para o tio Idílio, em que a figuração do fim do mundo se destaca pela sua ironia, contrasta com a visão eufórica daquilo que o 25 de Abril representa na memória colectiva portuguesa. Porém, mais do que deplorar a queda do Estado Novo, Lobo Antunes parecia insistir no vazio inerente, naquele momento, à noção de liberdade, mesmo para o povo oprimido durante décadas. Para além disso, o capítulo desenvolve a temática da somatização da revolta, pelas referências burlescas à doença do tio Idílio e à esperança de remissão não só ao nível dos sintomas mas sobretudo da “ordem natural das coisas”, para retomar o título de outro conhecido romance do autor.

Pela sua parte, o ministro de **O Manual dos Inquisidores** fica atónito ao perceber que a insurreição armada que está a acontecer naquela manhã do 25 de Abril não é “a grande volta” (Antunes, 2005, p. 166) que ele próprio estava a preparar junto com outros conspiradores contra o governo de Caetano, mas sim o final do Estado Novo:

[...] o senhor doutor a ligar para o Ministério do Exército e nada, para o Ministério da Defesa e nada, a esquecer o orgulho e a ligar para o major e nada, os ministérios vazios, a secreta vazia, o telefone dos quartéis da Ajuda e do Carmo interrompidos, canções sem moral no rádio, o locutor a garantir que tomaram o aeroporto e a televisão e cercaram a polícia política, que Lisboa lhes pertencia [...] e o senhor doutor para o bocal num segredinho amargo / — Responda-me com sinceridade embaixador Nogueira os comunistas controlam esta gaita ou não controlam é que se os comunistas controlam esta gaita temos de nos pôr ao fresco quanto antes [...] (Antunes, 2005, p. 172-173).

A maneira como o golpe militar é descrito evidencia, nas palavras do ministro, uma imagem cataclísmica associada à revolução, em que a queda do regime é vivida à distância através do súbito isolamento das figuras do poder. O capítulo, marcado pelas constantes mudanças espaço-temporais no relato de Titina, focar-se-á, então, no contraste entre as reacções dos representantes do poder salazarista e as do povo. A personagem do jardineiro da quinta de Palmela que, sem interromper as suas tarefas, reage discretamente às notícias da sedição dos capitães, simbolizará a vingança do povo oprimido pelo regime autoritário:

[...] o jardineiro assobiando a rapar a vinha-*virgem* em tesouradas implacáveis e o assobio a flutuar no escritório numa alegria feroz enquanto os ramos tombavam um a um do outro lado dos caixilhos, ele entornado na poltrona, a enrodilhar a casaca / — Traz os comprimidos do quarto Titina / de dedos a bailarem incapaz de segurar no remédio, de desrolhá-lo, a entornar água nos joelhos, **o assobio do jardineiro a calar o rádio, a calar o telefone**, a ensurdecer-me de tal modo que me apetecia cobrir as orelhas com as palmas, e o senhor doutor de repente lilás, a fazer-me sinais para que lhe batesse nas costas num mugido rouco / — Ficou-me engasgado Titina (Antunes, 2005, p. 168, grifo nosso).

Para além do assobio triunfante do jardineiro (sobre o qual voltarei mais adiante), a menção do jardim devastado pelas tesouradas libertadoras do trabalhador contrapõe-se à do ministro engasgado não apenas com o comprimido (que, como o tio Idílio de **Fado Alexandrino**, toma para aturar a realidade), mas sobretudo com as notícias do golpe militar que recebe ao telefone. Nesta representação do 25 de Abril, o motivo do mundo às avessas assenta no inesperado protagonismo assumido pela personagem anónima do jardineiro, representante do povo vítima da ditadura, ao mesmo tempo que constitui, talvez, a única referência auspiciosa à Revolução dos Cravos. Parece-me importante salientar que, para Titina, a recordação desta transcendental data reduz-se à miúda vingança do jardineiro, cujos gestos (o assobio alegre, as tesouradas de raiva), para além de desmantelarem o *statu quo*, anunciam uma nova temporalidade. Paradoxalmente, neste capítulo a violência não reside tanto no golpe de Estado propiciado pelos militares rebeldes como no ensurdecido sibilo do jardineiro enquanto mutila as plantas.

No universo de Lobo Antunes, as revoluções íntimas das personagens ocupam, de facto, um lugar muito mais importante do que os relatos oficiais sobre a revolução “real” dos militares. Esta subversão do paradigma vem acompanhada de mudanças significativas na maneira como o relato histórico do 25 de Abril é representado no campo da ficção. Noutras palavras, quanto mais ficcional é a Revolução dos Cravos nos romances antunianos, maiores serão as nuances que esta figuração é capaz de conter nas histórias das personagens que viveram o final do salazarismo.

A visão apocalíptica da revolução: dos cravos murchos à “vala comum de flores defuntas”

Na sequência desta imagem disfórica do 25 de Abril de 1974, Lobo Antunes oferece-nos uma visão apocalíptica da revolução, marcada pela ironia e pela hipérbole, no intuito de apontar para a referida “falácia da comunhão geral com o espírito do 25 de Abril” (Seixo *et al.*, 2008, p. 517) descrita por Graça Abreu. A partir desse momento — e como é comum na escrita antuniana —, o universo diegético sofre uma profunda alteração nas suas leis internas, que resulta em situações absurdas, unicamente compreensíveis numa lógica narrativa em que a liberdade criativa do escritor predomina na representação das suas personagens. Tanto o tio Idílio de **Fado Alexandrino** como a governanta e o ministro de **O Manual dos Inquisidores** padecem episódios de delírio, em que a revolução historicamente pacífica que realmente teve lugar é apresentada em termos de um grande cataclismo.

Numa das passagens mais caricatas de **Fado Alexandrino**, o soldado refere a reacção do seu tio à queda do Estado Novo nestes termos:

Via o negócio lixado, a adornar, a afundar-se, a perder-se sem remédio, [...] as mudanças Ilídio sem encomendas nenhuma, em ruína, e não só as mudanças Ilídio, meu capitão, bichas intermináveis para a carne, para os legumes, para o leite, gente magrinha mal vestida, com cara de fome, [...] A gasolina desaparecera, milicianos de aqui removiam os automóveis com guindastes ferozes, circulava-se em escavacados autocarros trémulos apinhados de viajantes aflitos e sérios, tropeçava-se em cadáveres mal cheirosos nas escadas das caves, nos vestíbulos, nas imediações das embaixadas, [...] E os hospitais inundados de feridos, cobertos de pensos e ligaduras sujas, milhares de pessoas aprisionadas nos estádios e nas praças de touros, pelotões de fuzilamento empurrando tipos de braços amarrados atrás das costas contra as peanhas das estátuas [...] russos e chineses por toda a parte, a darem ordens, a ocuparem o palácio do Governo, a passearem-se com ares de proprietários na cidade [...] (Antunes, 2007, p. 231-232).

Nesta descrição, digna de um quadro apocalíptico, as consequências da insurreição militar atingem proporções desmesuradas na consciência das personagens. Note-se, aliás, a maneira como Lobo Antunes acumula, neste

trecho, lugares-comuns próprios do imaginário colectivo sobre os regimes autoritários comunistas e sobre as ditaduras latino-americanas das décadas de 1970 e 1980, num registo propositadamente hiperbólico cujo fim último é questionar alguns dos preconceitos da sociedade portuguesa sobre a queda do salazarismo.

Porém, e dando continuidade ao registo do absurdo (que, do ponto de vista narrativo, vem marcar um claro contraste com as descrições da revolta nas ruas de Lisboa), no final do capítulo, o tio Idílio, já bêbado numa taberna de bairro, vive a sua própria “revolução” interior. Subitamente, a sua opinião sobre o Estado Novo muda por completo, e acaba abraçando a alegria do povo que apoia o movimento dos capitães: “Viva a Democracia, Viva a Liberdade, uivou o senhor Ilídio num uivozinho chocho, [...] o senhor Ilídio chamou o tasqueiro com o anzol do indicador, ordenou Tinto para todos em nome da Revolução” (Antunes, 2007, p. 237). Esta reviravolta do tio contrasta com a atitude do soldado que, ao longo de todo o capítulo, não esconde o seu cepticismo relativamente ao novo rumo do país após o 25 de Abril, como já foi referido. Nas linhas finais do capítulo, antes de entrar na taverna com o tio, a descrição de Lisboa pelo soldado é alheia a qualquer tipo de exaltação dos acontecimentos históricos:

[...] comandos de metralhadora por aqui e por ali, nas esquinas, **com um cravo enterrado no uniforme, flores de muitos lábios que murchavam**, anoitecera por completo e os cães de sempre farejavam numa volúpia lenta os contentores do lixo, os automóveis afocinhavam, tristes, na margem dos jardins, homens já bêbados conversavam e discutiam sobre a revolução nas leitarias apinhadas, com garrafas de anis e chocolate nas vitrines sujas [...] (Antunes, 2007, p. 236, grifo nosso).

A referência aos cravos a murcharem nas armas dos soldados que ocupam ruas de Lisboa remete, de certo modo, para uma descrença na opinião generalizada que atribui à revolução um carácter sublimatório. Esta desoladora imagem da cidade aponta igualmente para a desmitificação de um acontecimento que marcou de maneira indelével o destino de Portugal no século XX. O contraste entre a visão cataclísmica da revolução do tio Idílio e o cepticismo na perspectiva do soldado é revelador da maneira como Lobo Antunes encara o episódio do 25 de Abril de 1974. Entre as duas posições extremas, a Revolução dos Cravos é um evento cujos matizes parecem ser muito mais complexos do que a homogénea narração enaltecida do discurso oficial, mas também do que qualquer reacção cegamente pessimista relativamente a uma mudança de paradigma social.

O Manual dos Inquisidores expõe de forma similar a visão apocalíptica da Revolução dos Cravos, mais uma vez pelo recurso à hipérbole na apreciação dos factos no relato de Titina. Dentre as muitas referências ao que representou, para aqueles que ocupavam o poder, a queda do Estado Novo, Titina refere esta conversa do ministro ao telefone:

[...] o senhor doutor ao telefone num tom que eu nunca tinha ouvido nem quando procurava convencer a senhora a ficar com a gente / — Pronto já percebi Nogueira com a Pide inutilizada com o Governo preso com a tropa fandanga vendida aos comunistas amanhã sem falta temos os russos na Baixa e ou nos penduram num candeeiro ou nos arranjam bilhetes de comboio para a Sibéria não se preocupe comigo e desapareça o mais depressa que puder [...]. (Antunes, 2005, p. 173).

Esta descrição excessiva daquilo que, para o ministro e os seus homens, seria o pós-25 de Abril, vem coincidir com a imaginação descomedida do tio Idílio em **Fado Alexandrino**. Porém, apesar da amplificação dos factos, é verdade que, para as personagens da quinta de Palmela, o advento da democracia marcará de facto o fim de uma era. O ministro permanecerá isolado na sua casa, e posteriormente viverá os seus últimos dias esquecido num lar de idosos abrumado pela decrepitude, enquanto que Titina e os outros trabalhadores são expulsos da quinta de Palmela, acusados de serem comunistas.

Em **O Manual dos Inquisidores**, a verdadeira descrição da queda do Estado Novo vem da voz de Titina, cujo desvario faz com que a revolução se transponha para a quinta de Palmela, num registo marcado pelo despropósito na apreciação dos eventos históricos. No instante em que o ministro perde toda esperança perante o desenlace do golpe militar, na voz de Titina, os gestos do jardineiro aparecem como a prefiguração da ruína final do Estado Novo:

[...] o senhor doutor no escritório, a tomar desta feita o comprimido sem o entalar na garganta, empurrando-o para o estômago num abanão de ganso à medida que o último cacho de vinha-virgem tombava e o assobio do jardineiro que me degolava as plantas diminuía e se calava [...] o locutor a anunciar qualquer coisa acerca de tiros, das pessoas não andarem na rua e de evitarem combates, imaginei logo bombas, canhões, chacinas, cadáveres amontoados no Terreiro do Paço [...]. (Antunes, 2005, p. 170)

Esta ilógica relação causa-efeito é mais um exemplo da inversão das percepções associadas à Revolução dos Cravos no universo ficcional de Lobo Antunes. Com o paulatino silenciamento do jardineiro, que insinua a vitória dos rebeldes, instaura-se na imaginação de Titina uma imagem trágica dos acontecimentos, igualmente marcada pela visão hiperbólica na descrição da História:

[...] o assobio do jardineiro, mais longe, destruía goivos e túlipas na tranquilidade sem remorso dos carrascos, **eu preocupada que o jardim se tornasse numa vala comum de flores defuntas** porque não era da senhora, não era do senhor doutor, era meu, [...] o jardim pertencia-me como a casa e o governo da casa me pertenciam também, como cada objecto me pertencia, como o senhor doutor me pertencia sem ter reparado que era meu [...]. (Antunes, 2005, p. 170-171, grifo nosso).

Numa formulação que dialoga com aquela dos cravos murchos que comentei para o caso de **Fado Alexandrino**, a imaginação de Titina desloca o cenário (alegadamente) apocalíptico das ruas de Lisboa para o espaço doméstico da quinta. No momento em que as notícias do golpe de Estado confirmam a vitória dos militares golpistas, a governanta associa a suposta destruição da cidade ao gesto vingativo do jardineiro (comparado, não sem ironia, a um carrasco) que transforma o jardim da quinta num cemitério de flores. Flores estas que, aqui, não sofrem num processo de decomposição como os cravos aos que se referia o soldado de **Fado Alexandrino**, mas que em **O Manual dos Inquisidores** aparecem desprovidas de vida. Repare-se, de facto que, ao longo do livro, na descrição dos espaços verdes da quinta não há nenhuma menção à presença de cravos no jardim, e isto apesar de as referências à vegetação serem consideráveis, não apenas neste livro mas sobretudo no conjunto da obra antuniana⁷. A ausência de cravos na casa do ministro apontaria, de certo modo, para o papel simbólico destas flores na realidade das ruas de Lisboa sob controlo dos militares golpistas.

É, pois, pelo recurso narrativo à hipérbole na descrição da Revolução dos Cravos em Portugal, que Lobo Antunes consegue transmitir uma imagem muito pessoal deste acontecimento histórico. Longe de pretender a representação de uma qualquer objectividade no confronto com a História, **Fado Alexandrino** e **O Manual dos Inquisidores** veiculam uma visão deste acontecimento deformada pelas vivências e fantasias das personagens, no intuito de privilegiar a multiplicidade de relatos e, particularmente, de apontar para a relativização do discurso oficial da História.

A história miúda como matéria-prima da História

Em suma, em **Fado Alexandrino** e **O Manual dos Inquisidores**, a figuração do 25 de Abril de 1974 destaca mais pelas suas contradições que pela homogeneidade dos discursos que se depreendem dela. Retomando a observação de Maria Alzira Seixo, afinal de contas o verdadeiro sentido da revolução residiria nos ecos da História nas consciências individuais ou, no que ela denomina no mesmo excerto, a “história miúda de um quotidiano anódino” (Seixo, 2002, p. 126). Claude Simon, escritor francês que desenvolve, ao longo da sua extensa obra, um tratamento análogo relativamente à relação entre História e ficção (no seu caso, no contexto da Segunda Guerra Mundial), escreve no seu romance **L’Herbe** (1958): “*si endurer l’Histoire (pas s’y résigner: l’endurer), c’est la faire, alors la terne existence d’une vieille dame, c’est l’Histoire elle-même, la matière même de l’Histoire*” (Simon, 1986, p. 28)⁸.

Concluirei esta análise apelando a uma outra passagem de Lobo Antunes que fala da complexidade associada ao acontecimento da Revolução dos Cravos nas consciências individuais. Em **Conhecimento do Inferno**, romance publicado apenas seis anos após a revolução de Abril, António Lobo Antunes reflecte sobre o que significou, para a sua geração, a liberta-

ção democrática. Num tom marcadamente autobiográfico (note-se que a destinatária do discurso é a filha Joana) e paralelamente carregado de uma grande dose de sarcasmo, o narrador de **Conhecimento do Inferno** afirma:

Depois do 25 de Abril, por exemplo, tornámo-nos todos democratas. Não nos tornámos democratas por acreditarmos na democracia, por odiarmos a guerra colonial, a polícia política, a censura, a simples proibição de raciocinar: tornámo-nos democratas por medo, medo dos doentes, do pessoal menor, dos enfermeiros, medo do nosso estatuto de carrascos, e até ao fim da Revolução, até 76, fomos indefectíveis democratas, fomos socialistas, [...] Fomos democratas, Joana, por cobardia, [...] tínhamos pânico de que nos acusassem como os pides, nos prendessem, nos apontassem na rua, pusessem os nossos nomes no jornal. E demorámos a entender que mesmo em 74, em 75, em 76, as pessoas continuavam a respeitar-nos como respeitam os abades nas aldeias, continuavam a ver em nós o único auxílio possível contra a solidão. E sossegámos. E passámos a trazer dobrados no sovaco jornais de direita. E sorriámos de sarcasmo ao escutar a palavra socialismo, a palavra democracia, a palavra povo. Sorriámos de sarcasmo, Joana, porque haviam abolido a guilhotina. (Antunes, 2004, p. 107-108).

No meu entender, esta confissão do narrador de **Conhecimento do Inferno** permite compreender, de certo modo, a forma como o escritor virá a desenvolver este tema fulcral nos seus romances posteriores. Para além de marcar uma profunda ruptura, o 25 de Abril incarna também uma revolução no sentido espacial do termo, isto é, um movimento circular na esfera íntima dos indivíduos que a viveram. Na obra de Lobo Antunes, e particularmente em **Fado Alexandrino** e **O Manual dos Inquisidores**, a Revolução dos Cravos é objecto de uma abordagem de natureza eminentemente ficcional que, no entanto, não afasta este acontecimento capital das complexidades próprias da realidade histórica portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do Inferno**. Alfragide: Dom Quixote, 2004. Edição *Ne Varietur*.

_____. **O Manual dos Inquisidores**. Alfragide: Dom Quixote, 2005. Edição *Ne Varietur*.

_____. **Fado Alexandrino**. Alfragide: Dom Quixote, 2007. Edição *Ne Varietur*.

ARNAUT, Ana Paula. A escrita insatisfeita e inquieta(nte) de António Lobo Antunes. In: CAMMAERT, Felipe (org.). **António Lobo Antunes: a arte do romance**. Alfragide: Texto, 2011, p. 71-88.

BESSE, Maria Graciete. La question de l'Histoire dans le roman portugais contemporain. **Cahiers du centre interdisciplinaire de méthodologie — Histoire et Littérature**, (1), n. 4: Université Michel de Montaigne-Bordeaux, p. 93-119, 2001.

BLANCO, María Luisa. **Conversaciones con António Lobo Antunes**. Madrid: Siruela, 2001.

BOUJU, Emmanuel. *Désillusions lusitaniennes: du récit de l'histoire au murmure confessionnel* (chez Lídia Jorge et António Lobo Antunes). In: PEYRACHE-LEBORGNE, Dominique; COUÉGNAS, Daniel (dir.): **Le Roman historique**. Récit et Histoire. Nantes: Éditions Pleins Feux, 2000, p. 226-247.

CAMMAERT, Felipe. 'Souvenir from Lisbon': escrita, representação e *punctum* em António Lobo Antunes. **Santa Barbara Portuguese Studies: António Lobo Antunes**, nº 6, p. 18-28, 2021. Disponível em: <https://sbps.spanport.ucsb.edu/volume/6> . Acesso em 09/04/2024.

_____. Elementos para uma poética do(s) naturalismo(s) na obra de António Lobo Antunes". In BASÍLIO, Kelly Benoudis; CAMMAERT, Felipe (ed.). **Naturalismos**. De Lucrécio a Lobo Antunes. Lisboa: Húmus, 2012, p. 156-169.

_____. O relógio avariado: sobre algumas representações do 'tempo da memória' na obra de António Lobo Antunes e na arte contemporânea. In: ALVES, Fernanda Mota *et al* (org.). **Filologia, Memória e Esquecimento**. Lisboa: Húmus, 2011, p. 239-258.

_____. 'You don't invent anything': memory and the patterns of fiction in Lobo Antunes' works. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, 19/20, 2011b, p. 267-289. Disponível em: https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS19_20_Cammaert_page267/1032 . Acesso em 09/04/2024.

_____. **L'écriture de la mémoire dans l'oeuvre d'António Lobo Antunes et de Claude Simon**. Paris: L'Harmattan, 2009.

GIL, Ana Cristina. António Lobo Antunes: a anti-épica e a identidade nacional. **La Lusophonie: voies/voix océaniques**. Lisboa: Lidel, 2000, p. 114-120.

GIUDICELLI, Michelle. *As Naus* d'António Lobo Antunes et la carnavalisation de l'histoire officielle. **La Littérature portugaise: regards sur deux fins de siècle (XIXe-XXe)**. Bordeaux: Maison des Pays Ibériques, 1996, p. 29-41.

MOURA, Jean Marc. Le voyage marin à l'âge post-moderne: éléments de réflexion sur une altérité désormais impossible. In: MAGALHÃES, Isabel Allegro de *et al.* (dir.). **Literatura e Pluralidade Cultural**. Lisboa: Colibri, 2000, p. 797-810.

SEIXO, Maria Alzira. **Os Romances de António Lobo Antunes**. Alfragide: Dom Quixote, 2002.

_____ *et al.* **Dicionário da Obra de António Lobo Antunes**. Lisboa: INCM, Vol. II, 2008.

_____. **As flores do inferno e jardins suspensos**. Alfragide: Dom Quixote, 2010.

SIMON, Claude. **L'Herbe** (1958). Paris: Minuit, 1986.

Recebido para avaliação em 09/02/2024.

Aprovado para publicação em 22/02/2024.

NOTAS

1 Felipe Cammaert é Investigador do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC/DLC, UA). É Doutor em Estudos Românicos e Literatura Comparada pela Universidade Paris-Nanterre, com uma tese sobre as representações da memória na literatura, publicada sob o título *L'écriture de la mémoire dans l'œuvre d'António Lobo Antunes et de Claude Simon* (Paris, L'Harmattan). Foi investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Nacional da Colômbia, entre outros. Tem sido docente nas Universidades de Lisboa e Aveiro (Portugal), Picardie (França) e Los Andes (Colômbia). É tradutor literário do francês e do português de autores contemporâneos para a América Latina. Publicou recentemente, além de outros artigos científicos, o volume *Passados Reapropriados: Pós-memória e Literatura* (Afrontamento, 2022).

2 Ver, nesse sentido, entre outros: Giudicelli, 1996; Moura, 2000; Bouju, 2000; Besse, 2001, CAammaert, 2009, 2011.

3 Ver, entre outros: Gil, 2000; Arnaut, 2011, Cammaert, 2011b.

4 Ver, sobre este aspecto: Cammaert, 2009, p. 219-233.

5 Para uma análise deste fenómeno da subjectivação da temporalidade no universo das crónicas, ver: Cammaert, 2021.

6 Como assinala Maria Alzira Seixo (Seixo, 2002, p. 120), não é por acaso que o soldado Abílio, céptico quanto às mudanças que trouxe a Revolução dos Cravos, é empregado na empresa de “mudanças” do seu tio.

7 Sobre a temática das flores e as suas significações na obra de Lobo Antunes, ver: Seixo, 2010; Cammaert, 2012.

8 “se suportar as agruras da História (não resignar-se a ela: suportar-lhe as agruras) é fazer História, então a terna existência de uma dama idosa é a História em si, é a matéria-prima da História”. Agradeço a Paulo Faria pela tradução para português deste excerto.